

O "TESTAMENTO" POLÍTICO DE ARRUDA CÂMARA (*) (1).

REYNALDO XAVIER CARNEIRO PESSOA

Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

A obra do pesquisador pernambucano Pereira da Costa, *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*, transcreve na íntegra um expressivo documento da História do Brasil (2). Trata-se de uma carta de Manoel Arruda da Câmara dirigida ao Padre João Ribeiro Pessoa, seu discípulo, colaborador e seguidor político, escrita em 2 de outubro de 1810, na Ilha de Itamaracá, onde faz recomendações políticas e particulares.

O documento expressa bem as posições liberais avançadas aceitas por aquele a quem Mário Melo denomina

(*) . — Comunicação apresentada na 3ª Sessão de Estudos, no dia 7 de julho de 1972 (*Nota da Redação*).

(1) . — Este trabalho é fruto de duas sugestões, para nós, de grande valia. Uma do Prof. Amaro Soares Quintas que, na palestra proferida no dia 29 de setembro de 1971 — patrocinada pelo Núcleo de São Paulo da ANPUH, no Edifício de Geografia e História da USP — fez ver a necessidade de se dar uma maior divulgação ao notável documento que realmente é a carta de Manoel Arruda da Câmara ao Padre João Ribeiro. Outra, do Prof. Eurípedes Simões de Paula no sentido de que fizéssemos uma comunicação na XXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência que se realizou entre 5 a 8 de julho de 1972 na Cidade Universitária (SP). A mencionada comunicação foi apresentada na sessão do dia 7 de julho.

(2) . — Costa (Francisco Augusto Pereira), *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*, pgs. 640-643. (As referências bibliográficas mais completas serão dadas no final do presente estudo). A transcrição integral do texto da carta de Arruda da Câmara pode ser encontrada ainda no artigo de Oscar Oliveira Castro, *Arruda Câmara* — inserido na "Revista da Academia Paraibana de Letras, Ano I, nº 1, março de 1947, pgs. 40-41, no *Dicionário Bibliográfico Português — Aplicáveis a Portugal e ao Brasil*, volume XVI, pgs. 119-121 e em uma nota de Luís da Câmara Cascudo feita no Capítulo IV do livro de Henry Koster, *Viagens ao Nordeste do Brasil*, pgs. 92-94.

“semeador no Brasil do liberalismo democrático” (3).

Os ideais dos revolucionários franceses de 1789 foram abraçados pelo carmelita (4) Manoel Arruda da Câmara (5) quando realizava os seus estudos em terras européias. A firmeza e convicção dos novos princípios por ele assinalados ocasionaram-lhe dissabores a ponto de ter que deixar Coimbra (6) e ir matricular-se em Montpellier onde doutorou-se em medicina (7). Retornando ao Brasil, estabeleceu-se na pequena vila de Itambé (8) onde fundou o Areópago

“uma sociedade política, secreta, intencionalmente colocada na raia das províncias de Pernambuco e Paraíba, frequentada por pessoas salientes de uma e outra parte, e donde saíam, como de

(3). — Melo (Mário Carneiro do Rego), *A Naturalidade do Semeador, no Brasil, da Liberal Democracia*, in “Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano”, volume XXXIX, 1944, pgs. 61-63. A naturalidade de Manoel Arruda da Câmara é assunto polémico. Pernambuco, Paraíba e também Alagoas, disputam as honras de terra natal do eminente naturalista brasileiro.

(4). — O Pe. Lino do Monte Carmello em seu livro *Memória Histórica e Biográfica do Clero Pernambucano*, pg. 228 diz que “teve ingresso na Ordem Carmelita, e professou o seu Instituto no Convento do Carmo de Goiana, no dia 23 de novembro de 1783, adotando o nome de Fr. Manoel do Coração de Jesus” e na pg. 228 informa que “impetrou breve de secularização antes de ter concluído o curso de Medicina em Montpellier”.

(5). — O Prof. Amaro Quintas em *A agitação republicana no Nordeste*, capítulo IV do tomo II, 1º volume da *História Geral da Civilização Brasileira*, pg. 209, em nota de rodapé faz ver que o nome correto “do cientista pernambucano era Manoel Arruda da Câmara, conforme se vê na documentação fornecida pela Universidade de Montpellier e existente no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano”.

(6). — Na *Relação dos Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil*, organizada pelo Dr. Francisco de Moraes e publicada nos “Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”, volume LXII, pg. 181 consta o nome de Manoel do Coração de Jesus Arruda como estudante de Filosofia e Matemática, em Coimbra, respectivamente nos anos de 1786 e 1787.

(7). — Pereira da Costa, *obra citada*, pg. 640, diz “...matriculou-se em Coimbra, mas não podendo concluir os seus estudos em virtude das medidas rigorosas empregadas contra os estudantes que se mostravam afeiçoados as doutrinas proclamadas pela revolução francesa, deixou em meio caminho os seus estudos de filosofia e medicina, emigrou para a França, e foi concluí-los na escola de Montpellier, onde recebeu o grau de doutor em medicina”.

(8). — Município pernambucano atualmente denominado Também, localizado na região fronteiriça com o Estado da Paraíba que no dizer de Sebastião de V. Galvão, *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, volume I, pg. 133 — originou-se “da Capela de Nossa Senhora do Desterro instituída por André Vidal de Negreiros”.

um centro para a periferia, sem ressaltos num arruados, as doutrinas ensinadas" (9).

Ulisses Brandão (10) afirma que participavam do Areópago, Francisco Arruda da Câmara (11), os irmãos Suassunas — Francisco, Luís Francisco e José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque (12) — e os padres Antônio Felix Velho Cardoso, José Pereira Tinoço, Antônio de Albuquerque Montenegro e João Ribeiro Pessoa.

O malogro da mal definida Conspiração de 1801 ocasionou o fechamento do Areópago. Entretanto, os frutos da "semente" da liberdade

(9). — Machado (Maximiano Lopes), Introdução ao livro de Francisco Muniz Tavares, *História da Revolução de Pernambuco em 1817*, 3.ª edição, pg. XXIV. Mário Melo em *A Maçonaria e a Revolução Republicana de 1817*, pg. 14 diz ter sido o Areópago de Itambé "a primeira coluna de um templo maçônico levantada em solo brasileiro". Oliveira Lima nas anotações feitas ao livro de Muniz Tavares citado, caracteriza a sociedade de Itambé como uma "sociedade política e maçônica no seu espírito". A. Tenório de Albuquerque em *A Maçonaria e a Grandeza do Brasil*, pgs. 160 e 161, citando Gustavo Barroso (*História Secreta do Brasil*, volume I e em um artigo publicado na Revista "O Cruzeiro" de 31-3-1954), Caio Prado Júnior em *Formação do Brasil Contemporâneo*, pg. 370 e Boaventura Kloppenburg em *A Maçonaria no Brasil*, pg. 15, igualmente consideram o Areópago como uma sociedade maçônica. Carlos Rizzini na sua obra *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil*, pg. 285, afirma ter sido o Areópago "uma versão indígena do revolucionarismo francês" e que foi "a nossa primeira colméia autonomista e as suas abelhas as primeiras a empreender um entendimento continental em favor da independência comum".

[10]. — Brandão (Ulysses de Carvalho Soares), *Pernambuco de Outrora — A Confederação do Equador*, pg. 67.

(11). — Oscar Oliveira Castro, obra citada, pg. 42 diz que Francisco Arruda da Câmara, irmão de Manoel, teve uma "atuação política oposta ao grande naturalista" e comprovando o que afirma transcreve (pgs. 42-44) um officio dele aos membros da Junta Provisória do Governo da Província da Paraíba do Norte com data de 20 de novembro de 1821, onde assume uma posição nitidamente conservadora.

(12). — Oliveira Lima nas anotações que fez no livro de Muniz Tavares, obra citada, pg. 73, informa que os irmãos Suassunas (a denominação Suassuna origina-se do engenho do mesmo, localizado no município de Jaboatão (PE) de propriedade de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque) foram "os principais acusados de uma conspiração tendente a tornar Pernambuco independente debaixo da proteção do Primeiro Cônsul Napoleão Bonaparte". Apesar de terem sido presos na fortaleza de Cinco Pontas e confiscados os seus bens, Francisco de Paula e Luís Francisco foram posteriormente postos em liberdade em face da inexistência de provas contra os mesmos. José Francisco escapou da prisão por se encontrar em Portugal e ter conseguido se evadir para a Inglaterra. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro no livro de sua autoria *Estudos Históricos*, tomo II, pg. 15, transcreve um trecho de uma carta do desembargador João Osório Castro de Souza Falcão a Tomás Vila Nova Portugal de 17-3-1818 que elucida o assunto. Diz o citado documento:

“plantada com boas batatas” (13)

se fizeram sentir posteriormente nas Academias dos Suassunas (14) e do Paraíso (15), as quais

“juntamente com a pregação pessoal de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, ouvidor-mor de Olinda” (16)

contribuíram decisivamente no alicerce ideológico dos patriotas de 1817. Os reflexos das pregações do Areópago alcançaram o movimento dos pernambucanos de Goiana (17) que em 1821 forçaram a capitulação de Luís do Reço e procederam a eleição de Junta Governativa onde predominava

“As idéias revolucionárias transmitidas em 1801 por Francisco de Paula Cavalcante e Luiz Francisco de Paula, de que houve denúncia e estes dous foram presos, e depois soltos por faltas de provas, porque no exame dos papéis (como dessa devassa se sabe) uma das cartas foi abafada pelo escrivão Fonseca, que em prêmio recebeu quatro centos mil réis”. O Padre Dias Martins em *Os Mártires Pernambucanos*, pg. 42, referindo-se a conspiração de 1801 afirma: “o público já mais penetrou os esconderijos d’este mistério; porque molas reaes e secretas, fizerão correr sobre elles cortinas impenetraveis; foi certo com tudo, que rios de dinheiro correrão pelas religiosas mãos de Fr. José Laboreiro, tirando-se por fructo, serem os acusados restituídos á liberdade, á posse dos seus bens sequestrados, á estima, e premios do Soberano!” O volume CX dos *Documentos Históricos* (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1956) publica uma vasta documentação da Conjuração dos Suassunas (13). — Câmara (Manoel Arruda da). — *Carta ao Padre João Ribeiro*, estudada nesta comunicação.

(14). — A Academia dos Suassunas funcionava no engenho Suassuna e tinha entre os seus membros proeminentes os rimãos Cavalcanti de Albuquerque Oliveira Lima em *Pernambuco e o seu desenvolvimento histórico*, pg. 235, denomina-a, também, Academia do Cabo.

(15). — Informa Oliveira Lima, *idem, ibidem*, que a Academia do Paraíso tinha sede na biblioteca do hospital do Recife, situado no Pátio do Paraíso e era dirigida pelo Padre João Ribeiro Pessoa.

(16). — Quintas (Amaro Soares), *Vocação Política e Tendências Ideológicas do Nordeste*, in “Revista Síntese Política Econômica Social”, nº 17, Rio de Janeiro, janeiro-março, 1963. Pg. 22.

(17). — O movimento dos senhores de engenho em Goiana no dia 29 de agosto de 1821, teve o seu ponto culminante na Convenção de Beberibe, em 5 de outubro do mesmo ano quando a província pernambucana passa a ser dirigida pelos seus próprios filhos onze meses antes que o Brasil se libertasse definitivamente do jugo português. Um dos seus chefes, Filipe Mena Calado da Fonseca deixou um importante depoimento sobre o assunto, publicado na *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, volume XIII, nºs 71-74 (1908), onde transcreve integralmente uma proclamação que dirigiu aos seus comandados, na qual faz referência aos “ilustres Martyres da pátria, nessa maldita época de 1817”.

“a ala moderada dos revolucionários de 1817” (18).

A carta mencionada evidencia ainda a consciência que tinha Arruda da Câmara dos problemas sócio-econômicos da colônia, especialmente na região Nordeste. Criticando a “aristocracia cabundá” sugere que se acabe com o

“atrato da gente de cor porque jamais pode progredir o Brasil sem eles intervirem coletivamente em seus negócios”,

assume, portanto, uma posição favorável a emancipação do negro em terras brasileiras antes da Independência (19). Mais adiante pronuncia-se pela abertura de estradas

“com o que muito lucrará o comércio e agricultura”

defendendo assim, uma política desenvolvimentista nos setores mais dinâmicos da economia regional e brasileira de então.

De natureza política são, também, dois outros tópicos do importante documento da lavra do fundador do Areópago de Itambé. No primeiro faz apologia de uma união aos

“amigos da América inglesa e espanhola, porque tempo virá de sermos todos um; quando não for assim o sustentam uns aos outros”,

tornando-se com isso um dos pioneiros do panamericanismo. No outro, demonstra sua condição inequívoca de líder quando orienta para que seja conduzida

(18). — Andrade (Manuel Correia de), *Movimentos Nativistas em Pernambuco — Setembrizada e Novembrada*, pg. 30.

(19). — As leituras dos livros de Evaristo de Moraes, *A Escravidão no Brasil* e de Agostinho Marques Perdigão Malheiros, *A Escravidão no Brasil*, permite-nos concluir que o naturalista Arruda da Câmara figura entre os primeiros que, no Brasil, fizeram referências ao problema da escravidão negra em terras brasileiras. Antes de 1810 trataram do assunto o Padre Manoel Ribeiro da Rocha em *Etiópe resgatado, empenhado, sustentado, corrido e libertado* escrito na Bahia e publicado em Portugal no ano de 1758, e o Bispo D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho em *Análise sobre a justiça do comércio do resgate dos escravos da costa da África*, publicado em Lisboa no ano de 1908 (este texto acha-se incluído no livro *Obras Econômicas de J. J. da Cunha Azeredo Coutinho*, volume 1 da coleção Roteiro do Brasil, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1966).

“com toda prudência e mocidade em seus inspiros para que nenhuma província a exceda”

e sentindo o ardor mais acentuado em alguns jovens recomenda o

“cuidado no adiantamento dos rapazes Francisco Muniz Tavares (20), Manoel Paulino de Gouveia, José Martiniano de Alencar (21), e Francisco Brito Guerra”.

Salienta-se, igualmente, as referências que Arruda da Câmara faz aos seus estudos relacionados com a flora brasileira (22). Menciona, além da *Flora*, um trabalho inédito que denomina “obra secreta” e recomenda a sua remessa ao

(20). — Francisco Muniz Tavares, implicado na Revolução Pernambucana de 1817, amargou por quatro anos nos cárceres baianos. A Revolução de 1820, em Portugal lhe restituiu a liberdade. Posteriormente representou sua Província natal, Pernambuco, junto às Cortes de Lisboa em 1821. na Assembléa Constituinte de 1823 e ainda na legislatura de 1845-1847 quando chegou a ocupar a Presidência da Câmara dos Deputados. Em 1840 publicou a obra *História da Revolução de Pernambuco em 1817*.

(21). — José Martiniano de Alencar, genitor do romancista José de Alencar, esteve preso na Bahia como participante da Revolução de 1817 em Pernambuco, recuperando a liberdade graças ao movimento revolucionário de 1820 em Portugal. Representou sua terra natal, o Ceará, nas Cortes de Lisboa em 1821 e na Assembléa Constituinte de 1823. Em 1824 participando da Confederação do Equador, foi novamente preso e absolvido após um ano de cadeia. Eleito na 2.ª legislatura (1830-1833) pelas Províncias do Ceará e de Minas Gerais, optou pelo mandato conferido pela primeira. Em 1832, portanto antes de concluir o seu mandato como deputado, foi nomeado Senador pela cearense. Por duas vezes ocupou a Presidência do Ceará, entre 6-10-1834 e 16-12-1837, e 20-10-1840 e 9-5-1841.

(22). — E' indiscutível o destaque que Manoel Arruda da Câmara teve entre aquêles que se dedicaram aos estudos das riquezas naturais brasileiras. Saint-Hilaire lhe homenageou dando o nome de “Arrudea” a um vegetal da família das gutíferas e assim explicou a etimologia do nome dado: *Diximus in memoriam dar Manoel Arruda da Câmara, doctoria medici qui de plantis fibrosis brasiliensibus disseruit (Flora Brasiliae Meridionalis, pg. 319)*. Dr. J. M. Caminhoá diz ser um “nome venerado pelos botânicos brasileiros que temos” (carta escrita no Rio de Janeiro em 26 de março de 1873 e publicada no Dicionário de Botânica Brasileira, elaborado por Joaquim de Almeida Pinto, pgs. IX e X). Dr. Souza Lima chama-o “ilustre fitologista brasileiro” (carta de 31 de março de 1873, escrita no Rio de Janeiro e publicada no Dicionário acima citado, pg. XI). Alexandre José de Melo Moraes tratando-o como “eminente nordestino” diz que ele fez “muitos estudos sobre os préstimos medicinais da plantas brasileiras principalmente em Pernambuco e Alagoas” (*Fitografia ou Botânica Brasileira, pg. III*). Fernando Delgado de Castilho (segundo Coriolano de Medeiros no *Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba, pg. 169*, governou a Paraíba no período de 23 de março de 1798 a 15 de setembro de 1802), em officio a D. Rodrigo de Souza Coutinho, datado de Pa-

“amigo N por conter cousas, que não convem ao feroz despotismo ter dela o menos conhecimento” (23).

Efetivamente as suas pesquisas fitogeográficas revelam um vasto cabedal de conhecimento no assunto como atesta Pereira da Silva (24) e o coloca entre os primeiros brasileiros que se interessaram pelas riquezas naturais do Brasil (25).

A “Carta-testamento” de Manoel Arruda da Câmara é indiscutivelmente um documento de comprovada importância e imprescindível para o conhecimento da evolução das idéias liberais no Nordeste brasileiro. É digna, portanto, de uma melhor atenção e maior divulgação por parte daqueles que se dedicam aos estudos da História do Brasil. E enfim, como disse o Prof. Amaro Quintas (26), um documento de filosofia política comparável ao célebre discurso pronunciado pelo notável estadista norte-americano Abraham Lincoln no cemitério nacional de Gettysburg em 19 de novembro de 1863 (27). No intuito de divulgar mais este documento, transcrevemos abaixo, integralmente o seu texto:

raíba, 4 de novembro de 1798, onde presta informações sobre a agricultura e indústria locais, ao se referir aos engenhos de algodão, sugere que “devem ser substituídos pelos que presentemente inventou o Dr. Manoel de Arruda, fazendo-se publica a todos os Paizes onde há semelhante cultura”. (Este ofício é citado por Celso Maria, *Apanhados Históricos da Paraíba*, pg. 101, e transcrito na íntegra por Irineu Ferreira Pinto no livro *Datas e Notas para a História da Paraíba*, volume I, pgs. 189-198). Henri Koster assim expressa o seu testemunho sobre o ilustre brasileiro: “Era homem empreendedor e entusiasta pela botânica. Seus altos conhecimentos deviam interessar qualquer governo providente, especialmente um país incultivado mas sempre em desenvolvimento” (*Viagens ao Nordeste do Brasil*, pg. 84).

(23). — Não encontramos referências sobre esta obra secreta. Oscar Ojiveira Castro (*obra citada*, pg. 28) menciona uma obra inédita de Arruda Câmara denominada *Centúrias* sem contudo afirmar ser a que trata na carta. Diz ainda, que possivelmente o *Dicionário de Botânica Brasileira* organizado por Joaquim Almeida Pinto e publicado em 1873 seja parte das *Centúrias*.

(24). — Silva (Joaquim Manoel Pereira da), *Plutarco Brasileiro*, volume II, pg. 6.

(25). — Varnhagen (Francisco Adolfo de) (Visconde de Porto Seguro), *História Geral do Brasil*, 5.a edição, tomo V, pg. 16, diz que “... talvez disputa a Veloso a palma de nosso primeiro botânico”.

(26). — Quintas (Amaro Soares), *Agitação Republicana no Nordeste* (capítulo IV, tomo II, 1º volume da *História Geral da Civilização Brasileira*), pg. 208.

(27). — Importante documento político onde o Presidente norte-americano ao encerrar sua oração conceituou a democracia como “governo do povo, pelo povo, para o povo”.

“João. — A morte se me aproxima a passos largos. Por temer de ahí chegar vivo, faço-te esta bem attribulado, pois conheço o meu estado.

Avisa ao Tinoco de ir morrer em sua casa, caso lá chegue vivo.

Estas linhas são escriptas por cauttela, para depois de minha morte saberes mais Tinoco, o que devem fazer quanto algumas alfaias que ficam. Não ignoras a demasiada ambição de meu mano Francisco, que tudo ha de praticar para não ter effeito minha ultima vontade.

O nosso amigo João Fernandes Portugal (28) nunca fique em esquecimento de você. A minha “Flora” de capa encarnada que Francisco tem em vistas, chama a ti com tempo. A minha obra secreta manda com brevidade para a America ingleza ao nosso amigo N. por nella conter cousas importantes, que rão convém ao feroz despotismo ter della menor conhecimento, e por ter então muito que perder os da tua família do ramo do general André Vidal de Negreiros, que padre Mathias Vidal de Negreiros, e marquez de Cascaes hão despojados dos bens do dito general furtivamente.

Tem toda cautella na minha miscelanea, onde estão todos os apontamentos das importantissimas minas. Se succeder algum desar, em vires perigo á tua existencia, faz sciente alguém de tua familia do ramo Negreiros, ao amigo da America ingleza para prevenir tudo, e nunca sujeitarem os meus papeis a ingratos, embora fiquem por tempos privados dos seus bens.

Também não devem esclarecer aquelles que os tem defraudados. Estou fallando sobre os herdeiros roubados do ramo do general Negreiros. Os bens ficam a disposição dos meus testamenteiros, tu, Tinoco, e João Fernandes Portugal. Conduzam com toda a prudencia a mocidade em seus inspiros para que nenhuma provincia a exceda. Tenham todo o cuidado no adiantamento dos rapazes Francisco Muniz Tavares, Manoel Paulino de Gouveia, José Martiniano de Alencar, e Francisco de Brito Guerra; como assim acabem com o atrazo da gente de côr, isto deve cessar para que logo que seja necessário se chamar aos lugares publicos haver homens para isto, porque jamais pôde progredir o

(28). — Afirma o Padre Dias Martins, *obra citada*, pg. 351, ter sido “um ardente revolucionário” e Intendente da Marinha do governo revolucionário em 1817. E’ natural do Rio de Janeiro.

Brazil sem elles intervirem collectivamente em seus negocios, não se importem com essa acanhada e absurda aristocracia cabundá, que ha de sempre apresentar futeis obstaculos. Com monarquia ou sem ella deve a gente de côr ter ingresso na prosperidade do Brazil.

A conhecida proibidade de Caetano Pinto não deve ser constringida Tú és o meu escolhido. As fazes porque tem de passar o Brazil mostrarão em que ficar o seu governo sobre representantes da nação. Sou dos agricultores que não colherei os fructos do meu trabalho, mas a semente está plantada com boas batatas. D. Barbara Crato (29) devem olhal-a como heroína. Remette logo minha circular aos amigos da America ingleza, e hespanhola, sejam unidos com esses nossos irmãos americanos, porque tempo virá de sermos todos um; e quando não for assim sustentem uns aos outros. Como ainda não pôde o Brazil com grandes obras, falla no entanto a Caetano Pinto para mandar por via dos commandantes de ordenaças abrir essas estradas até cincoenta leguas a machado e foices com o que muito lucrará o commercio e agricultura. Não trato de abrir canaes, porque sustentam os que ha feito pela natureza, não vale a pena o serviço com elles se despender. Mauricio situou mal o Recife, sem ancoradouro e em cima de bancos de areia inestinguiveis. — Adeus. — Itamaracá, 2 de outubro de 1810.

P.S. Se ainda vires Frei Gaifundo dize a esse frade que não levo queixas d'elle, pois tudo lhe perdôo" (30).

*

* *

BIBLIOGRAFIA

Albuquerque (A. Tenório d'). — *A Maçonaria e a Grandeza do Brasil*. 1º volume (Até a Independência). Editora Espiritualista Ltda. Rio de Janeiro, 1959.

Alencar (José de). — *Obra Completa*. Introdução geral de M. Cavalcanti Proença. 4 volumes. Editora José Aguilar. Rio de Janeiro, 1959.

(29). — F. A. Pereira da Costa nos seus *Anais Pernambucanos*, volume VII, pg. 101, afirma tratar-se de D. Bárbara Pereira de Alencar, avó paterna do escritor José de Alencar.

(30). — Conservamos a ortografia do texto publicado no *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*.

- Amaral (Francisco Pompeu de). — *Escavações — Fatos da História de Pernambuco*. Tipografia do Jornal do Recife. Pernambuco, 1884.
- Andrade (Manuel Correia de). — *Movimentos Nativistas em Pernambuco Setembrizada e Novembrada*. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1971 .
- Bandeira (Alípio). — *O Brasil Heróico em 1917*. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1918.
- Blake (Augusto Vitorino Alves Sacramento). — *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. 7 volumes. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1883-1902.
- Brandão (Ulysses de Carvalho Soares). — *Pernambuco de outr'ora — A Confederação do Equador*. Edição comemorativa do 1º centenário. Oficinas Gráficas da Repartição de Publicações. Pernambuco, 1924.
- Cabral (Alfredo do Vale). — *Anais da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*. Tip. Nacional. Rio de Janeiro, 1881.
- Cahú (Major Sylvio de Mello). — *A Revolução Nativista Pernambucana de 1817*. Biblioteca do Exército Editora. Gráfica Laemmert Ltda. Rio de Janeiro, 1951.
- Castro (Oscar Oliveira). — *Arruda Camara*, in "Revista da Academia Paraibana de Letras". Ano I, nºs 1 e 2, respectivamente pgs. 17-44 e 64-80 . João Pessoa, março de 1947 e julho de 1947.
- Costa (Francisco Augusto Pereira da). — *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*. Tipografia Universal. Recife, 1882.
- Idem — *Anais Pernambucanos*. 10 volumes. Arquivo Público Estadual. Secretaria do Interior e Justiça. Recife, 1951-1966.
- Cavalcanti (M. Tavares). — *Uma dúvida Biográfica — O Célebre naturalista Arruda da Câmara era Paraibano*, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, volume 13, pgs. 39-47. João Pessoa, 1958.
- Documentos Históricos*. — Biblioteca Nacional. Divisão de Obras Raras e Publicações. 10 volumes (CI a CIX — Revolução de 1817 e CX — Inconfidência dos Suassunas em 1801). Ministério de Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1953-1955.
- Fonseca (Felipe Mena Calado da). — *O Movimento Revolucionário de Goiana em 1821*, in "Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano", volume XIII (1908), nºs. 71-74, pgs. 5-69. Tipografia do Jornal do Recife. Recife, 1909.
- Freyre (Gilberto). — *Nordeste — Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 2.a edição. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1951.
- Idem. — *Sobrados e Mucambos — Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano*. 2.a edição. 3 volumes. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1951.
- Idem. — *Um Engenheiro Francês no Brasil*. 2 tomos. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1960.

- Galvão (Sebastião de Vasconcelos). — *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*. 3 volumes. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1908-1910.
- Grieco (Donatello). — *Napoleão e o Brasil*. Civilização Brasileira Editora S. A., Rio de Janeiro, 1939.
- Joffily (Irineu). — *Notas sobre a Paraíba*. Tipografia do Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 1891.
- Kloppenbunrg (Dr. Boaventura). — *A Maçonaria no Brasil*. Editora Vozes. Petrópolis. Rio de Janeiro, 1961.
- Koster (Henri). — *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução e notas de Iuís da Câmara Cascudo. Volume 221 da Coleção Brasileira. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1942.
- Leopoldo (Dom Duarte). — *O Clero e a Independência. Conferências Patrióticas*. Editores Centro D. Vital — Tipografia Anuário do Brasil. Rio de Janeiro, 1923.
- Luna (Padre Lino do Monte Carmello). — *Memória Histórica e Biográfica do Clero Pernambucano*. Tipografia de F. C. de Lemos. Pernambuco, 1857.
- Lima (M. de Oliveira). — *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*. F. A. Brockhaus. Leipzig, 1895.
- Machado (Maximiano Lopes). — *História da Província da Paraíba*. Imprensa Oficial. Paraíba, 1912.
- Malheiros (Agostinho Marques Perdigão). — *A Escravidão no Brasil — Ensaio histórico, jurídico, social*. 2 volumes. Edições Cultura. São Paulo, 1944.
- Mariz (Celso). — *Apanhados Históricos da Paraíba*. Imprensa Oficial. Paraíba do Norte, 1922.
- Martins (Padre Joaquim Dias). — *Os Mártires Pernambucanos — Vitórias da liberdade nas duas Revoluções ensaiadas em 1710 e 1817*. Tipografia de F. C. de Lemos e Silva. Pernambuco, 1853.
- Medeiros (Coriolano de). — *O Naturalista Arruda da Câmara é bem nosso*, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", volume 13, pgs. 51-52. João Pessoa, 1958.
- Idem. — *Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba*. Instituto Nacional do Livro. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1950.
- Moraes (Alexandre José de Melo). — *Fitografia ou Botânica Brasileira aplicada à medicina, às artes e à indústria*. Livraria B. L. Garnier-Editor. Rio de Janeiro, 1881.
- Moraes (Evaristo de). — *A Escravidão Africana no Brasil (Das origens à extinção)*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1933.
- Melo (Mário Carneiro do Rego). — *A Maçonaria e a Revolução Republicana de 1817*. Imprensa Industrial (I. Nery da Fonseca). Recife, 1912.

- Idem. — *A Naturalidade do Semeador, no Brasil, da Liberal Democracia*, in "Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano", volume XXXIX (1944). Imprensa Oficial. Recife, 1945.
- Idem. — *Os Nossos Manuscritos*, in "Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano", volume XXVII (n^{os} 127-130), Recife, janeiro-dezembro de 1925.
- Morais (Dr. Francisco de). — *Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra (1772-1872) — a relação dos estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil*, organizada pelo Dr. Francisco de Moraes, conservador da Sala do Brasil na Universidade de Coimbra, por sugestão do Prof. Afrânio Peixoto, in "Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro", volume LXII (1940). Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1942.
- Organizações e Programas Ministeriais — Regime Parlamentar no Império*. 2.a edição. Arquivo Nacional. Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro, 1962.
- Pagano (Sebastião). — *O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817*. Volume 132 da Coleção Brasileira. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1938.
- Pinheiro (Joaquim Caetano Fernandez). — *Estudos Históricos*. 2 tomos. B. L. Garnier Livreiro Editor do Instituto. Rio de Janeiro, 1876.
- Pinto (Irineu Ferreira). — *Datas e Notas para a História da Paraíba*. Imprensa Oficial. 2 volumes. Paraíba do Norte, 1908-1916.
- Pinto (Luís). — *Homens do Nordeste e outros Ensaios*. Editora Minerva Ltda. Rio de Janeiro, 1950.
- Pinto (Joaquim de Almeida). — *Dicionário de Botânica Brasileira ou Compendio dos Vegetais do Brasil, tanto indígenas como aclimatados* — coordenado e redigido em grande parte sobre os manuscritos do Dr. Arruda da Câmara. Tipografia Perseverança. Rio de Janeiro, 1873.
- Pombo (José Francisco da Rocha). — *História do Brasil* (Ilustrada). 10 volumes. Benjamim de Aguiar — Editor. Rio de Janeiro, s| data.
- Prado Jr. (Caio). — *Formação do Brasil Contemporâneo. Colônia*. 6.a edição. Editora Brasiliense. São Paulo, 1961.
- Queiroz (Octacílio N. de). — *Da Paraíba o naturalista Arruda Câmara*, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano", volume 13, João Pessoa, 1958.
- Quintas (Amaro Soares). — *Vocação Política e Tendências Ideológicas do Nordeste*, in "Síntese Política, Econômica e Social" ,n^o 17. Rio de Janeiro (GB), janeiro-março de 1963.
- Idem. — *A Agitação Republicana no Nordeste*, in "História Geral da Civilização Brasileira", sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda. Tomo II, 1^o volume. 3.a edição. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1970.

- Rizzini (Carlos). — *O Livro, o jornal e a Tipografia no Brasil (1500-1822)*.
Livraria Kosmos Editora. Rio de Janeiro, 1946.
- Romero (Sílvio). — *História da Literatura Brasileira*. 5 tomos. 3.a edição.
Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1943.
- Silva (Innocencio Francisco da). — *Dicionário Bibliográfico Português --
aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. 22 volumes. Imprensa Nacional.
Lisboa, 1858-1923.
- Silva (Joaquim Manoel Pereira da). — *Plutarco Brasileiro*. 2 volumes. Casa
de Eduardo e Henrique Laemmert. Rio de Janeiro, 1847.
- Saint-Hilaire (Augustin François Cesar Provençal de). — *Flora Brasiliae Me-
ridionalis*. Apud A. Belin, Bibliopolam. 3 volumes. Parisiis, 1824-
1833.
- Tavares (Francisco Muniz). — *História da Revolução de Pernambuco em
1817*. 3.a edição (Comemorativa do 1º Centenário). Introdução
de Maximiano Lopes Machado e anotações de Oliveira Lima. Im-
prensa Industrial .Recife, 1917.
- Tollenare (L. F. de). — *Notas Dominicais — tomadas durante uma viagem
em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818*. Livraria Progresso
Editora. Salvador, 1956.
- Varnhagen (Francisco Adolfo de) (Visconde de Porto Seguro). — *História
Geral do Brasil — antes da sua separação e independência de Por-
tugal — 5.a edição integral*. Revisão e notas de Rodolfo Garcia. 5
tomos. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1956.

*

* * *

INTERVENÇÃO.

Da Profa. *Helga I. L. Picolo* (da Universidade Federal do Rio Gran-
de do Sul).

Indaga se existe relação de Arruda Câmara com o movimento
dos Suassunas de 1801? Se houve, em que sentido foi essa relação?

*

* * *

RESPOSTA DO PROF. REYNALDO XAVIER CARNEIRO PE-
SOA.

À Profa. *Helga I. L. Picolo*.

A Conjuração dos Suassunas de 1801 em Pernambuco encon-
trou nos ensinamento e discussões do Areópago de "Itambé" a sua
fundamentação ideológica. Contudo, não houve uma participação di-
reta, ao que se sabe, de Arruda da Câmara na Conspiração em que
foram indiciados os irmãos Cavalcanti de Albuquerque.